

Recensão

C. S. LEWIS, *A abolição do homem*.

Tradução Remo Mannarino Filho.

São Paulo: Martins Fontes, 2005. 95 p.

O autor irlandês C. S. Lewis (1898-1963) escreveu grande número de obras em campos tão diversos como crítica literária, literatura de fantasia, ficção científica e algumas de exposição teológica direta. Já há algumas décadas tem sido motivação para a produção de inúmeros textos críticos, dissertações e teses, mormente no mundo anglófono. Lewis, que era um leigo da Igreja da Inglaterra (Anglicana), se tornou uma espécie de “santo padroeiro” de cristãos evangélicos e de alguns católico-romanos. Talvez a predileção por Lewis por parte de evangélicos e católicos seja explicada por sua posição teológica conservadora, mas ao mesmo tempo distinta e distante da postura sectarista, radical e antiintelectual que marca alguns setores do fundamentalismo estadunidense.

Lewis já era conhecido do público leitor brasileiro por traduções, publicadas por algumas editoras evangélicas, de alguns de seus textos no campo da ficção científica e por algumas obras de exposição teológica. Todavia, não há dúvida de que a obra que o tornou mais conhecido no Brasil foi a série de sete volumes no gênero literatura de fantasia que constituem as *Crônicas de Nárnia*, voltadas para o público infanto-juvenil. A recente adaptação da primeira das *Crônicas* para o cinema decerto contribuiu para a divulgação do nome de Lewis no país.

Como já dito, as obras de Lewis disponíveis em português foram publicadas por editoras evangélicas. Mas eis que uma editora “secular” comprou os direitos de reeditar as *Crônicas de Nárnia* e de relançar alguns dos textos teológicos propriamente de Lewis. A Editora Martins Fontes, uma das gigantes do mercado editorial brasileiro, certamente aproveitando o momento em que o nome do autor se torna conhecido do grande público, lançou em 2005 quatro textos de Lewis. Destes, três já haviam sido publicados por outras editoras. Mas *A abolição do homem*, que ora é apre-

sentada nesta recensão, é lançada pela primeira vez no país.

A abolição do homem é o único texto, no qual Lewis explicitamente reflete de maneira crítica sobre a educação. Neste texto encontra-se um Lewis que é crítico severo da modernidade. A tese central do livro é que a educação na Inglaterra de seus dias (ele foi professor nas Universidades de Oxford e Cambridge) valorizava uma postura subjetivista e relativista que rejeitava um conceito de uma verdade moral e objetiva. Lewis aponta para os perigos de uma educação que, se levada às últimas conseqüências, poderia levar à “abolição” (no sentido de aniquilamento, extinção, supressão) do homem, que dá título ao livro. Contra esta perspectiva Lewis advoga que há uma verdade absoluta e princípios morais absolutos. Lewis denomina esta verdade absoluta de *Tao* (p. 16), termo extraído de textos dos antigos chineses. Assevera o autor: “isso a que tenho chamado por conveniência de *Tao*, e que outros poderiam chamar Lei Natural, Moral Tradicional, Primeiros Princípios da Razão Prática ou Primeiros Lugares-Comuns, não é um entre uma série de sistemas de valores possíveis. É a única fonte possível e todos os juízos de valor. Caso seja rejeitado, todos os valores serão também rejeitados” (p. 42). Lewis defende que todos os povos e culturas têm esta visão de uma verdade e de uma moral absolutas: “a bem da brevidade, de agora em diante vou me referir a essa concepção, em todas as suas formas – platônica, aristotélica, estoica, cristã e oriental –, simplesmente como ‘o *Tao*’” (p. 16-17). O autor explica que o *Tao* é “a doutrina do valor objetivo, a convicção de que certas posturas são realmente verdadeiras, e outras realmente falsas, a respeito do que é o universo e do que somos nós” (p. 17).

Conforme Lewis, abolir o *Tao* da educação é abolir o homem. Daí que, via de conseqüência, educadores devem atentar para a lei moral do *Tao*, que é simplesmente essencial para a sobrevivência da raça humana. Lewis entende que, sem a lei moral, a educação se reduz a mero condicionamento. Na mesma linha de raciocínio, Lewis alerta que a raça humana, se destituída da lei moral, se tornará escrava de seus próprios impulsos, o que acarretaria sua própria “abolição” (=destruição). Lewis argumenta que uma educação destituída de princípios morais produz “homens sem peito” (p. 23). E declara: “caçamos da hora e nos chocamos ao encontrar traidores entre nós” (p. 24).

No final do livro, há um apêndice, no qual se apresentam exemplos práticos e concretos do *Tao*. Estes exemplos têm a ver com a prática da caridade, deveres em relação aos pais e aos mais velhos e também às crianças, a vivência da justiça, da misericórdia, da veracidade e da boa-fé. Lewis extrai seus exemplos de fontes tão diversas como, entre outras, “O Livro

dos Mortos” do antigo Egito, antigas tradições nórdicas, babilônicas e hindus, textos de escritores como Confúcio, Sêneca e Cícero, e, como não poderia deixar de ser, da Bíblia.

A obra é sintética – são apenas três capítulos em 95 páginas. Mas é o suficiente para que Lewis argumente sua tese com a clareza, a contundência e a sutileza que lhe são características. O livro é oportuno para uma reflexão sobre virtudes e valores por parte de pais e educadores.

Carlos R. Caldas Filho

Professor na Escola Superior de Teologia
da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo, SP)
e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião
da mesma instituição de ensino.